



*Julia Quinn
Eloisa James
Connie Brockway*

Três autoras, uma história

A DAMA MAIS
apaixonada



ARQUEIRO



A DAMA MAIS
apaixonada



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

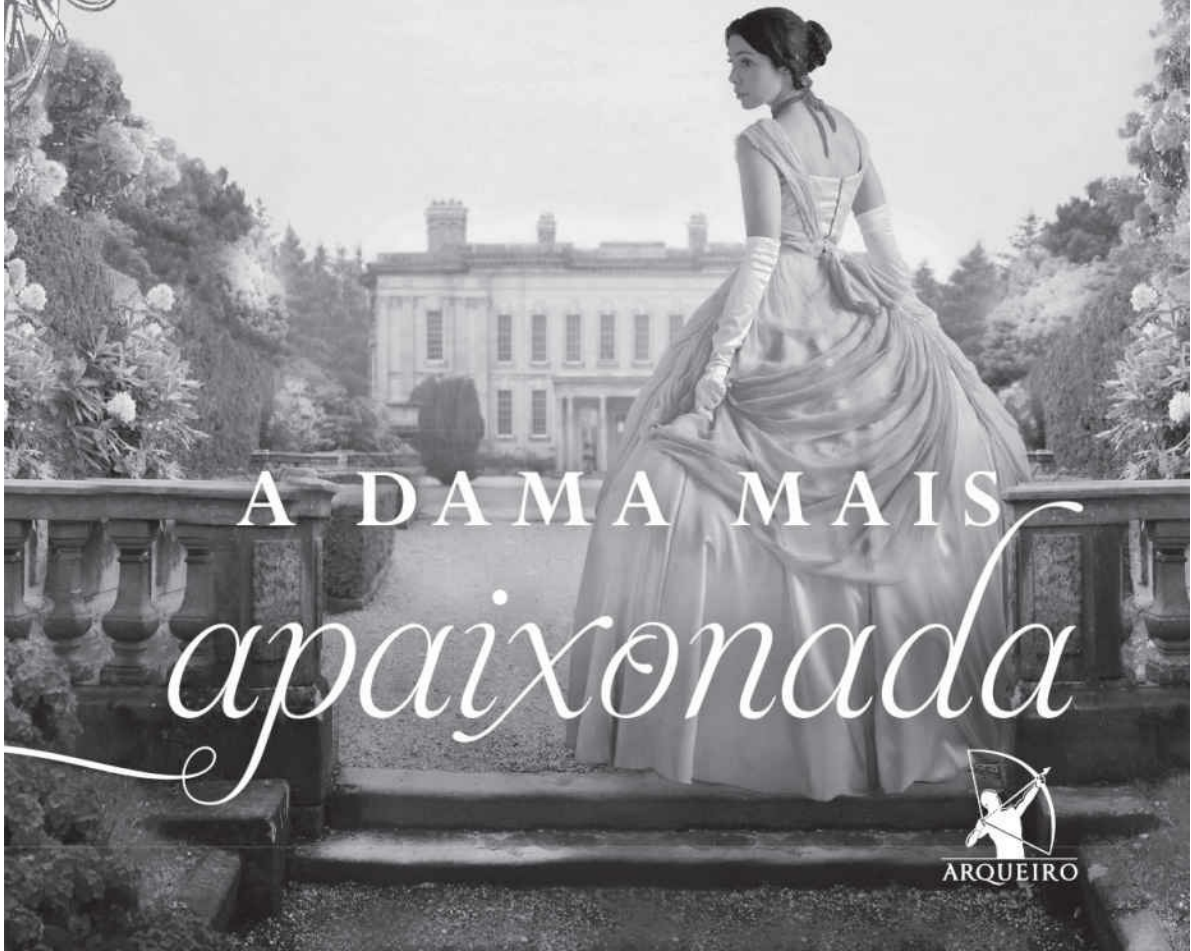
Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis

e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Julia Quinn
Eloisa James
Connie Brockway

Três autoras, uma história



A DAMA MAIS

apaixonada



Título original: *The Lady Most Willing*

Copyright © 2013 por Julie Cotler Pottinger, Eloisa James, Inc., Connie Brockway
Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Suelen Lopes e Ana Grillo

diagramação: Adriana Moreno

capa: Renata Vidal

imagens de capa: © Lee Avison/Trevillion Images (fotos); The Beacon Collections
(rosas)

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64d

Quinn, Julia, 1970-

A dama mais apaixonada [recurso eletrônico]/ Julia Quinn, Eloisa James, Connie Brockway; tradução de Ana Rodrigues. São Paulo: Arqueiro, 2019.
recurso digital

Tradução de: *The lady most willing*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-306-0022-8 (recurso eletrônico)

1. Romance histórico. 2. Romance americano. 3. Livros eletrônicos. I. James, Eloisa. II. Brockway, Connie. III. Rodrigues, Ana. IV. Título.

19-58146

CDD: 813.081

CDU: 82-311.6(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para nossos maridos...

*... Paul. Ele talvez não arremesse troncos,
mas basta lhe dar uma tesoura
e é capaz de fatiar uma vespa em pleno voo.
Nos dias de hoje, isso é o equivalente
a matar dragões.*

— J.Q.

*... Alessandro, porque nos conhecemos em um encontro às cegas,
e, embora não tenha sido em um castelo na Escócia,
pode-se argumentar que nossos personagens
se encontraram em uma situação igualmente feliz.*

— E.J.

*... o bom Dr. Brockway, a quem perdoou
por não ter engordado um quilo sequer desde o dia em que nos casamos.
E essa é a maior prova de amor que uma mulher pode dar.*

— C.B.

SUMÁRIO

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Epílogo

Sobre as autoras

Informações sobre a Arqueiro

PRÓLOGO

Alguns diziam que a lendária tempestade de 1819, que veio do norte com grande alarido, trouxe a loucura em sua esteira. Outros, que a única loucura vista naquela noite nasceu em uma garrafa de uísque contrabandeada. E havia ainda os que alegavam que a magia se adiantou à neve, varrendo os corredores do castelo Finovair e provocando ares de grandeza em seu proprietário...

Ou algo assim.

O que se sabe com certeza é que era um dia frio de dezembro quando Taran Ferguson levou os homens de seu clã até o cume de uma colina, de onde podiam ver o castelo Bellemere cintilando como uma joia na noite escura das Terras Altas. Como seus homens contaram mais tarde, o vento soprou o tartã xadrez que cobria os ombros de Taran, enquanto ele forçava seu magnífico corcel a empinar e logo retornar à posição inicial.

Ele quase se desequilibrou da montaria, verdade seja dita, mas isso foi parte do milagre: mesmo tendo bebido uma garrafa de uísque, Taran permaneceu em cima da sela.

– Esta noite, temos diante de nós uma tarefa sagrada e gloriosa – bradou ele. – Nossa causa é justa, nosso propósito é nobre! Lá embaixo está o conde de Maycott... o conde *inglês* de Maycott!

Os homens responderam com brados. E talvez um ou dois arrotos.

– O conde fica lá, sentado entre suas taças de ouro e sua porcelana elegante – continuou Taran, falando com pompa –, chamando as famílias mais elegantes das Terras Altas para irem comer e dançar com ele, na expectativa de cair em nossas graças.

Os homens de seu clã o encararam, carrancudos: nenhum deles, incluindo Taran, havia sido convidado ao castelo do conde. Não que desejassem, ou pelo menos era o que diziam a si mesmos.

– Mas nenhum intruso inglês vai seduzir uma moça escocesa enquanto eu estiver no comando – gritou Taran. – A Escócia é para os escoceses!

Houve outro brado de aprovação dos homens.

– Vocês sabem muito bem que venho lançando sementes por aí desde que minha querida esposa faleceu, cerca de vinte anos atrás – continuou Taran. – Mas, lamentavelmente, vocês também sabem que nenhuma delas deu frutos, já que é necessário um campo muito fértil para nutrir uma semente tão poderosa quanto a de um Ferguson. – Taran teve o bom senso de não reparar em como aquela declaração foi recebida. – Minha linhagem está ameaçada de extinção. Extinção! E para onde, eu lhes pergunto, para onde vocês irão quando eu me for? Como ficarão seus filhos sem um Ferguson para ser senhor de suas terras e cuidar de seu bem-estar?

– Um lugar melhor do que este em que estamos agora – murmurou um dos homens, envolvendo-se mais no tartã para se proteger do vento uivante.

Taran o ignorou.

– No entanto, nem tudo está perdido! Vocês sabem que tenho dois sobrinhos, filhos das minhas irmãs mais novas.

A declaração gerou murmúrios de desgosto. Uma das irmãs de Ferguson havia se casado com um refugiado da Revolução Francesa, um nobre sem um tostão no bolso. A outra fora desposada por um conde, sujeito que acabou se mostrando não apenas desagradável como também inglês.

Taran ergueu a mão para silenciar os resmungos.

– É o sobrinho meio francês, Rocheforte, que vai herdar meu castelo. – Ele fez uma pausa dramática. – Pensem nisso, camaradas. Se meu sobrinho francês se casar com uma escocesa, o filho dele será um de nós... um verdadeiro escocês! – Taran brandiu a espada com tanta veemência que quase caiu, mas no último instante conseguiu se equilibrar. – Ou praticamente isso. E o mesmo vale para meu sobrinho inglês.

– Lamento dizer, mas seu sobrinho inglês está comprometido com uma inglesa! – gritou um dos homens. – O primo da minha esposa mora em

Londres e escreveu para ela falando a respeito.

– Oakley ia casar – retrucou Taran bruscamente –, mas flagrou sua prometida ensaiando com seu professor de dança passos que jamais seriam vistos em um salão de baile. – Ele fez uma pausa dramática. – Seu professor de dança *francês*!

– Não acabou de dizer que seu outro sobrinho é francês? – perguntou um dos homens, esfregando as mãos no kilt para se aquecer.

Taran descartou a pergunta com um gesto.

– Lamento dizer, mas não se pode confiar em nenhum dos dois rapazes para encontrar uma noiva digna de Finovair. E eles devem se casar, ou nossos direitos de nascimento virarão pó.

– Falta pouco para isso... – murmurou alguém.

– É nossa incumbência... – Taran fez uma pausa, tão satisfeito com o termo que achou que valia a pena repeti-lo – ... é nossa *incumbência*, meus caros companheiros, nos certificarmos de que meus dois sobrinhos se casem com escocesas ou ao menos com alguém com determinação o bastante...

– Vá direto ao ponto, pelo amor de Deus! – gritou alguém com os dedos congelados e com uma esposa esperando em casa. – O que estamos fazendo aqui?

Ninguém poderia culpar Taran por deixar escapar uma boa deixa.

– O que estamos fazendo? – perguntou ele de volta. – *O que estamos fazendo?* – Taran ficou de pé nos estribos e, novamente brandindo a grande espada dos Fergusons acima da cabeça, gritou: – Estamos indo buscar as noivas!

CAPÍTULO 1

*Castelo Finovair
Kilkarnity, Escócia
Dezembro de 1819*

— **R**efresque minha memória: *por que* estamos aqui?

Byron Wotton, conde de Oakley, deu um bom gole no uísque e empurrou a cadeira para mais perto da lareira. Castelos eram ambientes reconhecidamente difíceis de aquecer, mas estava *congelante* em Finovair. Ele sabia que o tio se encontrava em situação econômica difícil, mas com certeza alguma coisa poderia ter sido feita em relação à brisa polar que se insinuava pela sala de estar como uma cobra.

— Creio que você tenha deixado uma mulher no altar – disse seu primo, Robin, com uma das sobrancelhas arqueadas.

— Estávamos a um mês do casamento – retrucou Byron, perfeitamente consciente de que havia mordido a isca de Robin. – Como você bem sabe.

Ele poderia ter argumentado que havia surpreendido a noiva nos braços do professor de dança, mas, sinceramente, de que adiantaria? Robin já conhecia toda a história.

— Quanto a mim – disse Robin, inclinando-se para a frente e esfregando as mãos diante do fogo –, estou aqui pela comida.

Qualquer outra pessoa talvez encarasse aquela resposta como desdém ou ironia, mas Byron sabia que não era bem assim. Sem nada em seu nome a não ser um título francês praticamente inútil, Robert Parles (Robin para todos,

menos para a mãe) muito provavelmente havia *de fato* ido a Finovair pela comida.

Uma rajada de ar frio atingiu o rosto de Byron e ele se conteve para não praguejar.

– Alguém deixou uma janela aberta? – perguntou, olhando ao redor com a expressão severa.

O sol havia se posto horas antes, levando com ele sua patética ilusão de calor.

Byron ficou de pé, irritado, e atravessou o salão para inspecionar as janelas. Várias estavam rachadas. Lá fora, a tempestade piorava. Haveria alguém no jardim? Não, ninguém seria tão louco a ponto de...

– O que aconteceu com tio Taran? – perguntou Byron de repente.

– Como assim? – perguntou Robin, sem abrir os olhos e com a cabeça no encosto da cadeira.

– Não o vejo desde a ceia. E você?

Robin bufou e endireitou a postura.

– Você perdeu o espetáculo. Depois que saiu para Deus sabe onde...

– Para a biblioteca – murmurou Byron.

– ... Taran subiu na mesa, de kilt. E, se me permite dizer – Robin estremeceu –, *não* é um kilt que se queira espiar por baixo.

– Ele subiu na mesa? – Byron estava chocado; o gesto era excêntrico até para o tio.

Robin deu de ombros.

– Alguns vassalos apareceram para beber com ele depois da ceia e, quando me dei conta, tio Taran estava em cima da mesa, batendo no peito e vibrando com as glórias do passado, quando os homens eram homens e os homens escoceses eram três vezes mais homens do que qualquer outro homem. Então ele pediu a espada e de repente todos foram embora.

– Você não pensou em perguntar para onde estavam indo? – Seria a primeira coisa que Byron faria.

Os olhos de Robin encontraram os dele, e havia a ligeira sombra de um sorriso.

– Não.

Byron se preparava para comentar algo, mas foi interrompido pelo som bem-vindo do tio deles berrando lá fora.

– Falando no diabo – disse, com certo alívio.

O tio era um enorme aborrecimento, mas nenhum dos dois desejava encontrá-lo com o rosto enfiado em um monte de neve.

– É melhor irmos até lá e o arrastarmos para perto do fogo para descongelá-lo – falou Robin, pousando o copo. – Garvie disse que teremos três dias de neve.

Eles saíram do grande salão, abriram a enorme porta da frente e se depararam com uma pequena aglomeração dos homens do clã do tio perambulando pela fortaleza, batendo no peito e dando tapinhas nas costas uns dos outros. Vestiam a indumentária completa das Terras Altas, com kilts e capas de pele, e as chamas das tochas tremulavam sob a neve que caía cada vez mais pesada. Taran estava no meio do grupo, sorrindo como um louco.

– Meu Deus, quantos joelhos... – murmurou Robin.

– De quem é aquela carruagem? – perguntou Byron, ao ver um veículo preto brilhante parar bem no ponto onde a luz das tochas dava lugar à escuridão.

Taran abriu caminho entre seus homens.

– Trouxe noivas para vocês! – gritou ele por cima do ombro para os sobrinhos. – Venham aqui, moças! – Ele abriu a porta da carruagem com um floreio.

Um rosto jovem e belo apareceu por um momento, e depois uma mão esguia segurou a maçaneta interna.

– Não há nenhuma noiva aqui – apressou-se em dizer a moça.

E a porta foi fechada com força.

Byron encarou a cena chocado.

– Maldição! – sussurrou. E olhou para Robin, que ergueu as sobrancelhas e fez surgir um sorriso no belo rosto. – Isso não tem graça, Rob. Era uma *dama* ali dentro.

– Com certeza é uma dama – bradou Taran. – Uma dama espirituosa. Consegui três delas. Todas com patrimônio, berço e boa aparência. – Ele apontou um dedo nodoso para Robin. – Você vai escolher uma, sobrinho, ou

farei isso eu mesmo e trancarei os dois em um quarto até que você seja obrigado a se casar. – Taran se voltou para Byron. – Você pode escolher uma também – acrescentou, magnânimo.

Byron começou a descer os degraus com um gemido.

Taran abriu novamente a porta da carruagem com um puxão e uma jovem de cabelos escuros cambaleou para fora.

– Rapazes, esta primeira dama é... – Ele parou e encarou a mulher. – Catriona Burns, que diabo está fazendo aqui? – perguntou.

– Você me raptou! – retrucou a jovem dama de cabelos escuros, com as mãos na cintura.

– Ora, se eu fiz isso, foi por engano – disse Taran, e então se dirigiu a Byron e Robin: – Nem pensem nessa aqui, rapazes. É uma boa moça, mas sem dinheiro.

Byron ouviu o som de ultraje que ela emitiu acima da risada incontida de Robin.

– Chegue para o lado, Catriona. O restante das moças, venha cá – bradou Taran, e espiou dentro da carruagem. – Meu sobrinho precisa dar uma boa olhada em vocês antes de escolher qual será sua noiva.

– Não acredito que você submeteu essas jovens damas a um ultraje dessa natureza – declarou Byron, lançando um olhar assassino para o tio.

Taran era um homem vigoroso, calejado pelo tempo, mas ainda muito musculoso, os cabelos negros entremeados pelos mesmos fios prateados que coloriam a barba. Embora obviamente abalado, não demonstrou.

Byron alcançou a carruagem bem a tempo de oferecer o braço à dama que apareceu à porta aberta. Sob a luz das tochas, viu flocos de neve grudados nos fios escuros, ruivos como rubi, dos cabelos dela.

– Essa é uma das boas! – anunciou Taran. – Fiona Chisholm. Já está há algum tempo disponível, mas eu também trouxe sua irmã mais nova, caso queira uma carne mais tenra. Todas têm sólida fortuna.

– Peço sinceramente que perdoem a loucura do meu tio – falou Byron, inclinando-se sobre a mão da Srta. Chisholm, depois que ela desceu da carruagem. – A senhorita deve estar quase histérica de medo.

Havia mais divertimento do que terror nos olhos da jovem.

– Como já conheço seu tio há muito tempo, não estou tão assustada. Já o senhor é novidade para mim – disse ela, fazendo uma mesura.

– Byron Wotton, conde de Oakley.

– É um prazer conhecê-lo, lorde Oakley.

– Este é meu sobrinho mais novo, que vive na Inglaterra – explicou Taran. – Nosso Robin aqui é o herdeiro de Finovair. É com ele que a senhorita deve se casar.

Robin havia atravessado o pátio e agora estava parado ao lado de Byron.

– Robert Parles, conde de Rocheforte – apresentou-se, animado. – Mas, por favor, me chame de Robin. Prazer em conhecê-las, Srta. Burns e Srta. Chisholm.

Byron entregou a Srta. Chisholm aos cuidados do primo e estendeu a mão para ajudar uma terceira dama a descer. Era menor, com cabelos castanhos encaracolados, feições delicadas e olhos castanho-escuros e brilhantes.

– A filha de Maycott – disse Taran com orgulho. – Lady Cecily. É a melhor do grupo: vale uma fortuna e é linda como uma moeda recém-cunhada. No entanto – ele abaixou a voz –, é inglesa. Mas a essa altura também já passou por algumas temporadas sociais e não está mais tão seletiva.

A dama arregalou os olhos.

– Tio, eu lhe imploro que cale a boca – pediu Byron. – Lady Cecily, não tenho palavras para me desculpar pela terrível imposição feita a vocês.

Lady Cecily parecia prestes a responder quando Robin afastou Byron, pegou a mão da jovem e se inclinou em uma mesura.

– Ah, acho que não consigo pedir desculpas – disse. – Ninguém jamais sequestrou uma dama para mim antes, mas a verdade é que – continuou ele, com um sorriso malicioso – ninguém jamais precisou fazer isso.

Os olhos da jovem se arregalaram de novo, e mesmo sob a luz fraca da tocha foi possível perceber o rubor que coloriu seu rosto. Por um segundo, Robin ficou paralisado, encarando-a. Então desviou o olhar abruptamente, soltou a mão da moça, passou por ela e espiou dentro da carruagem.

– Há mais alguém ali dentro, tio? Uma das moças do rei Jorge VII? Sempre tive vontade de me casar com alguém da realeza.

– O assunto é sério! – disse o tio, carrancudo. Seu antigo tenente assentiu com ar grave. – Só resta uma, eu acho. A irmã de Fiona.

Byron cerrou os dentes.

– Robin, por favor, acompanhe as senhoritas Burns e Chisholm e lady Cecily até o castelo. Está congelante aqui e nenhuma delas está de capa.

– Não tiveram tempo para isso – afirmou Taran, em um tom animado. – Arrebatei todas elas direto do salão de baile. Marilla Chisholm, não adianta se esconder dentro da carruagem!

A última dama apareceu, fazendo uma pausa dramática no alto dos degraus da carruagem. Era muito jovem, muito loira, muito linda, e cambaleou ligeiramente.

– O que está acontecendo? – perguntou, hesitante. – Ah, Deus. O que vai ser de nós?

– Fique tranquila, Srta. Marilla – garantiu Byron, e estendeu a mão para ajudá-la a descer. – Sou lorde Oakley. Peço as mais sinceras desculpas e lhedo minha palavra de cavalheiro de que a senhorita será rapidamente devolvida à sua família.

– Não, não será – falou Taran. – A neve já bloqueou o acesso e deve demorar uns dois ou três dias até que alguém consiga passar por lá. – Ele fechou a porta da carruagem. – Vamos entrar. Aqui fora está frio como a teta de uma bruxa, e já terminamos.

A porta da carruagem foi aberta de novo e uma bela bota masculina pousou com determinação no chão. Uma voz grave e irritada bradou:

– Ainda não!

Byron ficou boquiaberto.

Robin se virou para ver o que estava acontecendo e exclamou:

– Santo Deus, tio, você raptou o duque de Bretton!

CAPÍTULO 2

Catriona Burns era uma jovem prática. Precisava ser, já que vivia nas Terras Altas da Escócia. Em meados de dezembro, quando o sol mal aparecia e a temperatura pairava em algum lugar entre o congelante e o fatal, era preciso estar preparada para qualquer coisa.

Mas não para *aquilo*.

Eram duas horas da manhã, ela havia perdido completamente a sensibilidade de pelo menos oito dedos dos pés e estava parada sobre dez centímetros de neve. Com um conde inglês. E um conde francês. E um *duque*. Que fora sequestrado.

– Taran Ferguson, seu canalha insuportável – praticamente gritou Catriona. – O que *pensa* que está fazendo?

– Bem, entenda... – Ele coçou a cabeça e olhou de relance para a carruagem, como se fosse possível receber algum conselho do veículo, e por fim deu de ombros.

– Você está bêbado – acusou ela.

Sua boca se contorceu tanto para a direita que parecia querer puxar a cabeça.

– Só um pouquinho.

– Você sequestrou o duque de Bretton!

– Ora, bem... isso foi um erro... – Taran franziu a testa e se virou para seus servos leais. – *Como* foi que ele acabou vindo junto?

– É exatamente o que estou querendo saber – enfatizou o duque, irritado.

Em uma situação normal, Catriona não o teria achado terrivelmente assustador. Era um sujeito de ótima aparência, com cabelos escuros, olhos

profundos, mas sem nada muito indomável ou feroz em sua atitude.

Dito isso, quando o duque de Bretton encarou Taran Ferguson com uma expressão furiosa, até Catriona recuou um passo.

– O que você estava fazendo dentro da carruagem? – quis saber Taran.

– Esta carruagem é *minha!* – vociferou o duque.

Houve um momento de silêncio (exceto pelo conde francês, que não conseguia parar de rir), até que Taran finalmente disse:

– Ah.

– Quem é você? – perguntou o duque.

– Taran Ferguson. Peço perdão pelo erro. – Ele gesticulou na direção de lady Cecily, também indicando as irmãs Chisholms. – Nossa intenção era trazer apenas as mulheres.

Marilla Chisholm deixou escapar um gritinho delicado de nervoso, o que levou Catriona a soltar outro grunhido nada delicado de irritação. Catriona conhecia Marilla fazia 21 anos, ou seja, desde que ela nascera, e sabia muito bem que não havia a menor possibilidade de a outra estar nervosa. Marilla se vira presa em uma carruagem com um duque e então desembarcara diante de dois outros cavalheiros com títulos de nobreza.

Pelo amor de Deus, aquele era o sonho mais louco de Marilla que se tornara realidade e depois engolira as demais damas. Catriona olhou para a irmã mais velha de Marilla, Fiona, mas, fosse o que fosse que a jovem estivesse pensando, estava muito bem escondido por trás dos óculos.

– Bret – disse um dos homens, o que estava tenso e sério e já se desculpava seis vezes.

O duque virou rapidamente a cabeça, e Catriona viu seus olhos se arregalarem.

– Oakley? – perguntou, parecendo sinceramente chocado.

Lorde Oakley indicou Taran com a cabeça e falou:

– Ele é nosso tio.

– *Nosso?* – repetiu o duque.

Lorde Rocheforte... ou seria Sr. Rocheforte? Catriona não sabia; ele era francês, pelo amor de Deus, por mais que parecesse britânico. Bem, fosse

quem fosse, claramente não via gravidade alguma na situação, pois apenas sorriu e estendeu a mão.

– Olá, Bret – disse em uma voz alegre.

– Santo Deus – resmungou o duque. – Você também?

Catriona olhou de um homem para outro. Os três tinham aquele ar... de quinhentos anos de berço e de sócios do White's, o clube de cavalheiros de Londres. Não era preciso ir muito além nas Terras Altas da Escócia para saber que quando se chegava a certo nível social todos se conheciam. Aqueles três provavelmente tinham dividido um quarto no dormitório de Eton.

– Eu não sabia que você estava na Escócia – disse o *Sr. lorde Rocheforte* ao duque.

O duque praguejou baixinho e comentou:

– Esqueci que vocês dois eram parentes.

– Isso também ainda me choca com frequência – disse lorde Oakley, em tom irônico. Então pigarreou e acrescentou: – Devo pedir perdão em nome do meu tio. – E virou a cabeça irritado para Taran. – Aparentemente, ele...

– Posso falar por mim mesmo – interrompeu o tio.

– Não – rebateu lorde Oakley –, não pode.

– Não fale assim comigo, rapaz!

Oakley se virou para Taran com tamanha fúria que suplantava a do duque.

– Seu discernimento...

– Ele estava adormecido dentro da carruagem – deixou escapar Catriona, aproximando-se. Os homens ficaram em silêncio por tempo o bastante para encará-la, por isso ela acrescentou rapidamente: – Quando o senhor e seus homens nos jogaram dentro do veículo, Sua Graça já estava lá, dormindo.

– Ele acordou? – murmurou o *Sr. lorde Rocheforte*.

Catriona não sabia se deveria de fato responder. Teve, contudo, a sensação de que, se não assumisse o controle da conversa, os outros três homens acabariam trocando socos, por isso falou:

– Não imediatamente.

– Foi tudo muito fácil – gabou-se Taran. – Simplesmente entramos na carruagem, puxamos as damas para dentro e partimos. Ninguém fez estardalhaço.

Lorde Oakley soltou o ar longamente, a expressão sofrida.

– Como isso é possível? Com certeza seus pais...

– Acho que os convidados pensaram que era tudo parte da festa.

Rocheforte começou a rir de novo.

– Como você pode achar isso engraçado? – perguntou lorde Oakley, irritado.

– Como você pode não achar? – retrucou Rocheforte, ainda rindo.

– Acho que vou desmaiar – disse Marilla, numa voz que mais parecia um piado.

– Não vai, não – falou Catriona, irritada.

Porque a verdade era que a situação já estava ruim o bastante sem as tolices de Marilla.

Marilla expressou ultraje, e Catriona não teve dúvidas de que ela teria sibilado algo monstruosamente ofensivo se não estivessem diante de uma plateia de homens solteiros.

– Podemos entrar? – perguntou o duque de Bretton, cada sílaba afiada como uma navalha.

– É claro – apressou-se a responder lorde Oakley. – Vamos, todos nós. Vamos resolver essa situação e fazer com que todos *voltem para suas casas* – ele encarou o tio com irritação ao dizer a última parte – o mais rápido possível.

– Não podemos voltar para casa – disse Catriona.

– Como assim?

– As estradas estão intransitáveis.

Lorde Oakley a encarou.

– Já é um milagre que tenhamos chegado até aqui – falou ela. – Com certeza não será possível retornar esta noite. Não há lua e... – Catriona ergueu os olhos para o céu – vai nevar de novo.

– Como sabe? – perguntou lorde Oakley, com o que pareceu certo desespero.

Ela tentou não encará-lo como se ele fosse um idiota, mas os cabelos loiros quase brancos de lorde Oakley praticamente cintilavam na noite e, com a boca ainda aberta de espanto, o homem parecia uma coruja traumatizada.

– Morei aqui a minha vida inteira – disse ela finalmente. – Sei quando vai nevar.

A resposta dele foi algo que jamais deveria ser pronunciado diante de uma dama de boa família, mas, dadas as circunstâncias, Catriona optou por não se ofender.

– Vamos entrar – resmungou ele por fim.

E, depois de um instante de hesitação, todos entraram no castelo.

Catriona já estivera em Finovair, é claro – Taran Ferguson, e seu castelo em péssimo estado, era o terceiro vizinho mais próximo da família Burns. Mas ela nunca estivera ali tão tarde da noite, depois que a maior parte do fogo das lareiras já se extinguiu. Estava tão frio que o ar parecia morder a pele, e nenhuma das damas usava capa ou uma peliça. O vestido de Catriona tinha mangas longas para garantir o decoro, assim como o de Fiona, mas a roupa azul-clara de lady Cecily tinha manguinhas bufantes e Marilla estava praticamente com os ombros nus.

– Há uma lareira acesa no salão de visitas – avisou lorde Oakley, apressando todo o grupo para lá.

Era difícil acreditar no parentesco dele com Taran. Os dois não se pareciam em nada, e, quando passaram pelas velas acesas nas arandelas, Catriona viu que as feições de lorde Oakley eram tensas e severas de um modo incomum.

Ao contrário do Sr. lorde Rocheforte, que tinha um daqueles rostos que parecem não saber como *não* sorrir. Ele estava rindo enquanto todos atravessavam o grande salão cavernoso, e Catriona o ouvira dizer ao duque:

– Ah, vamos, Bret, você com certeza consegue ver a graça da situação.

Catriona apurou os ouvidos, mas não conseguiu escutar nenhuma resposta de “Bret”. Não ousou lançar um olhar na direção do duque, não quando estavam todos tão próximos. Havia algo nele que a deixava desconfortável, e não era apenas pelo fato de ele com certeza ser o indivíduo com o título de nobreza mais alto a quem já fora apresentada.

Só que ela *não fora* apresentada a ele. Apenas o observara do outro lado do salão de baile dos Maycotts, assim como o restante dos plebeus locais. O conde de Maycott era um dos homens mais ricos da Inglaterra, e só Deus sabia por que ele desejara ter seu próprio castelo na Escócia. Mas foi o que aconteceu, e o desejo foi tão grande que o conde gastou uma fortuna para reformar Bellemere até deixar o lugar tão magnífico como Catriona tinha certeza de que nunca fora, mesmo no auge de sua suposta glória.

Quando a reforma terminou, os Maycotts decidiram dar um baile. Convidaram alguns amigos de Londres, mas a maior parte dos convidados era da aristocracia local. Apenas o número necessário para que o primeiro Baile de Gelo anual fosse arrasador.

Ou ao menos era o que dizia a fofoca local. E por mais que soubesse que não deveria acreditar em tudo o que ouvia, Catriona *sempre* ouvia.

As Chisholms foram levadas para conhecer o duque, é claro. Eram herdeiras, muito provavelmente as únicas que aquele canto da Escócia já vira, e cada uma participara de uma temporada social em Londres. Mas não Catriona. O pai dela era um proprietário de terras local, e a mãe era filha de um proprietário de terras local. E como Catriona tinha toda a intenção de um dia se casar com um proprietário de terras local, não via muito sentido em implorar para ser apresentada a um aristocrata em visita.

Até que...

Catriona ainda não sabia bem como acabara sendo raptada junto com lady Cecily e as irmãs Chisholms, mas havia sido a primeira a ser jogada dentro da carruagem. Aterrissara em cima do duque, que primeiro reagira bufando, para logo depois pousar uma mão abusada no traseiro dela.

Então a chamara de Delilah e começara a enfiar o nariz no pescoço dela!

Catriona saiu de cima dele de um pulo, antes de ter tempo de pensar que fora uma sensação bem agradável, e logo o duque voltou a adormecer.

Alguém, concluiu Catriona, havia consumido muito do bom conhaque dos Maycotts.

Catriona teve apenas um minuto sozinha com o duque adormecido antes que três outras damas fossem jogadas na carruagem, o que *obrigou* o homem a acordar de vez. Ela estremeceu ao pensar quanto ele teria que ter bebido

para conseguir dormir no *caos* que se instalou. Marilla berrava, lady Cecily socava o teto e Fiona gritava com Marilla, tentando fazê-la se calar.

As Chisholms podiam até ser irmãs, mas nunca houvera qualquer amor entre as duas.

O duque tentou fazer todas ficarem quietas, mas nem mesmo ele foi capaz de fazer cessar o barulho até soltar um berro:

– Silêncio!

Foi nesse momento que Catriona percebeu que as outras damas ainda não haviam se dado conta da presença do duque na carruagem. Lady Cecily ficou tão surpresa que sua boca parecia incapaz de voltar a se fechar. E Marilla (que Deus a perdoasse, mas Catriona nunca gostara dela) foi imediatamente jogada no colo dele por um solavanco fictício.

E Catriona também percebeu, agora com certa satisfação, que o duque não havia apertado o traseiro de *Marilla*.

Ela não sabia quanto tempo eles haviam ficado presos na carruagem que se adiantava rapidamente. Noventa minutos no mínimo, talvez duas horas. Tempo suficiente para que o duque anunciasse que ninguém deveria dar um pio até que chegassem a qualquer que fosse o destino. Então, voltou a dormir.

Ou, se não dormiu, fez uma excelente imitação. Nem Marilla ousou perturbá-lo.

Mas qualquer bom senso que restasse a Marilla desapareceu quando ela desceu da carruagem, porque agora a jovem tagarelava sem parar com o duque, fazendo-se de ultrajada e agarrando o braço dele – o braço do duque! – enquanto repetia que isso era “chocante”, que aquilo era “insuportável”.

O duque tentou se desvencilhar discretamente, mas Marilla não tinha intenção de soltar a presa. Catriona só conseguia pensar que ele decidira que o calor da mão dela valia o aborrecimento.

Não o condenava. *Ela mesma* teria se aconchegado a Marilla se isso lhe garantisse um pouco mais de calor para combater o frio horroroso. As únicas pessoas que pareciam não tremer sem parar eram os dois sobrinhos de Taran, que, valia dizer, eram quase tão agradáveis aos olhos quanto o duque, e não pareciam precisar raptar mulheres de uma festa.

No entanto, Taran Ferguson era tão excêntrico quanto usar casacos em dia de verão. E da última vez que Catriona o vira, ele estava questionando o destino de Finovair depois que estivesse morto e enterrado. Não deveria surpreendê-la que o homem houvesse chegado àquele ponto para garantir noivas para os sobrinhos.

Lorde Oakley guiou o grupo até uma pequena sala de estar fora do grande salão. Era um cômodo decadente, mas limpo, como a maior parte de Finovair, e, mais importante do que qualquer coisa, a lareira estava acesa. Desesperados, todos foram até lá, em busca de calor.

– Vamos precisar de mantas – orientou Oakley.

– Pegue algumas ali – ordenou Taran, indicando um antigo baú perto da parede.

Os sobrinhos se apressaram a pegar as cobertas, que logo estavam sendo passadas de um para outro até estarem todos devidamente enrolados. A lã era áspera e grossa, e Catriona não ficaria surpresa se um bando de traças saísse voando do tecido, mas não se importou. Àquela altura, teria aceitado qualquer coisa para se aquecer.

– Mais uma vez – disse lorde Oakley às damas –, devo me desculpar em nome do meu tio. Não tenho ideia do que ele estava pensando...

– Você *sabe* o que eu estava pensando – interrompeu Taran. – Robin está em tamanha lentidão para arranjar uma...

– *Tio* – chamou Oakley em tom de alerta.

– Como ninguém vai a lugar nenhum esta noite – disse o Sr. Rocheforte –, podemos muito bem ir dormir.

– Ah, mas devemos todos nos apresentar antes – falou Marilla, em um tom muito solene.

– É claro – concordou Taran, muito entusiasmado. – Onde estão minhas boas maneiras?

– Há tantas respostas possíveis a essa pergunta que mal consigo escolher uma – resmungou o duque.

– Eu, como todos aqui sabem, sou o proprietário de Finovair – anunciou Taran. – E estes são meus dois sobrinhos, Oakley e Rocheforte, a quem

chamo de Byron e Robin.

– Byron? – murmurou Fiona Chisholm.

Lorde Oakley a encarou com irritação.

– Você parece ser o duque de Bretton – continuou Taran –, embora eu não saiba por que está aqui.

– A carruagem era minha – grunhiu Bretton.

Taran voltou a olhar para seus homens, um deles ainda segurando a espada.

– Isso é o que eu não entendo. Nós não levamos uma carruagem nossa?

– Tio – chamou Rocheforte –, e as apresentações?

– Certo. De qualquer modo, a essa altura Maycott provavelmente já a destruiu para conseguir mais madeira para a lareira. – Taran deixou escapar um suspiro de lamento. – Mas, falando em Maycott, esta é a filha dele, Cecilia.

– Cecily – corrigiu a jovem. Foi a primeira palavra que ela pronunciou desde que chegaram.

Taran a encarou, surpreso.

– É mesmo?

– Sim – confirmou lady Cecily, uma das sobrancelhas erguida em um arco delicado e irônico.

– Puxa vida. Lamento muito por isso. É um nome adorável.

– Obrigada – disse ela, inclinando a cabeça graciosamente.

Era uma jovem de beleza impressionante, pensou Catriona, embora não de um jeito exibido e intimidante como o de Marilla, cujos cachos loiros e olhos azuis cintilantes eram lendários.

– Estas duas são as irmãs Chisholms – continuou Taran, indicando Fiona e Marilla. – Fiona é a mais velha e Marilla, a mais nova. São boas damas escocesas, mas estavam em Londres. Para se refinar um pouco, foi o que ouvi. E é isso.

Catriona pigarreou.

– Ah, certo! – exclamou Taran. – Sinto muito. Esta aqui é Catriona Burns. Nós a trouxemos por engano.

– O senhor disse para pegar a de vestido azul – protestou um dos homens de Taran.

Catriona já o conhecia e tinha quase certeza de que se chamava Hamish.

Taran apontou para lady Cecily.

– Esta aqui está de vestido azul.

Hamish deu de ombros e indicou Catriona com a cabeça.

– A Srta. Burns também. E as duas têm cabelos e olhos da mesma cor.

Era verdade. Cabelos castanhos, olhos escuros. Mas, enquanto lady Cecily era delicada e se movia com uma graça etérea, Catriona era... Ora, ela não sabia o quê. Mas certamente não era delicada. E provavelmente também não era graciosa – como não costumava dançar muito, não dava para ter certeza.

Taran ficou olhando de uma jovem para outra por vários segundos, o que foi engraçado.

– Certo, bem, o problema – disse finalmente para Catriona – é que eu não estava esperando a senhorita. Não tenho um quarto pronto.

– Ofereço o meu – disse o duque.

– Também não tenho quarto para você – retrucou Taran.

Lorde Oakley gemeu.

– É muito gentil da sua parte ter quartos preparados – intrometeu-se Marilla, em tom cordial.

Catriona só conseguiu encará-la, boquiaberta. Taran Ferguson havia raptado a garota e ela estava *agradecendo*?

– Não sei bem onde alojar vocês... – disse Taran lentamente.

Ele olhou para o sofá e franziu a testa, pensativo.

Foi a gota d'água.

– Taran Ferguson! – disse Catriona, espumando de raiva. – Não vou dormir no sofá da sala de estar.

Ele coçou a cabeça.

– Ora, bem, seria mais confortável do que no chão!

– E não vou dormir no chão!

O duque se adiantou com um brilho letal nos olhos.

– Sr. Ferguson, sugiro que encontre um quarto para a dama.

- Na verdade, eu não...
- Ou terá que se ver comigo.

Instalou-se o silêncio. Catriona olhou para o duque, surpresa por ele ter partido tão prontamente em sua defesa.

– A Srta. Burns pode dividir um quarto comigo – ofereceu lady Cecily, e Catriona lançou um olhar de gratidão para ela.

– Não será possível – explicou Taran. – Só há uma cama pequena.

– Coloque as irmãs juntas – sugeriu o duque, objetivamente.

– Já coloquei – falou Taran. – Vocês vão dividir uma cama, meninas – avisou às irmãs Chisholms –, mas é bem confortável. Nunca tive nenhum visitante real aqui, por isso não houve necessidade de tornar nossos quartos de hóspedes aposentos elegantes e confortáveis.

– Temos dois ótimos quartos de hóspedes em nossa casa – comentou Marilla. – Já hospedamos o conde de Mayne.

– Em 1726 – acrescentou Fiona.

– Ainda é chamada de suíte Mayne – falou Marilla, dando uma fungadinha discreta –, e se qualquer um de vocês nos visitar, é lá que os instalaremos. Exceto você – falou, piscando exageradamente para Catriona.

– Marilla! – repreendeu Fiona, sem fôlego.

– Ela mora a menos de dez quilômetros de nós – protestou Marilla. – Dificilmente precisaria de um quarto de hóspedes.

– Bem, ao que parece, nunca se sabe quando uma pessoa pode precisar de um quarto de hóspedes extra – comentou o duque, com ironia.

– É verdade – falou Marilla. – É realmente verdade. – Então olhou para ele com a típica inclinação de cabeça irritante de um felino e piscou. – O senhor é sempre assim tão sábio?

Bretton, cuja paciência parecia estar se esgotando, disse francamente:

– Sim.

Catriona mal conteve uma risada, depois fingiu estar tossindo quando o duque a encarou com uma sobrancelha erguida. Ah, santo Deus, ele havia falado sério? Tinha achado que o homem estava apenas tentando se ver livre de Marilla.

– Bem, vamos encontrar um lugar para todos, certo? – declarou Taran, preenchendo o silêncio constrangedor. – Nesse meio-tempo, vamos deixar o restante de vocês se acomodar. Onde está a Sra. McVittie?

A governanta assentiu da porta.

– Ah, aí está você! Leve essas três para seus quartos, sim? – Ele indicou todas as damas com um gesto, com exceção de Catriona. – E, ah, Robin e Byron, por que não vão também? Só para garantir que está tudo certo.

Lorde Oakley balançou a cabeça.

– Tudo certo... – repetiu, sem acreditar.

– Dê o quarto azul a lady Cecilia, ou o que costumava ser azul, e a senhorita... ora, na verdade, isso não importa. Dê a elas o quarto que quiserem. – Taran se virou para Catriona e para o duque, que ainda estava parado perto da lareira. – Vou ver o que posso arranjar para vocês dois.

– Bretton pode ficar com o meu quarto – ofereceu Oakley, parando na porta, enquanto todo o resto saía.

– Não – respondeu o duque, a voz monótona e zombeteira –, eu de forma alguma poderia ser tão inconveniente.

Lorde Oakley revirou os olhos e saiu para o grande salão.

Foi só então que Catriona percebeu que havia sido deixada completamente sozinha com o duque.

Fim da amostra.

SOBRE AS AUTORAS

JULIA QUINN já atingiu a marca de 10 milhões de livros vendidos, e seus romances já foram lançados em 29 países. Dela, a Arqueiro já publicou as séries Os Bridgertons, Quarteto Smythe-Smith, Agentes da Coroa, Irmãs Lyndon e Os Rokesbys. Julia é formada pelas universidades Harvard e Radcliffe e mora com a família no Noroeste Pacífico.

ELOISA JAMES já escreveu mais de 20 best-sellers, entre eles os cinco volumes da coleção Contos de Fadas, lançada pela Arqueiro: *Quando a Bela domou a Fera*, *Um beijo à meia-noite*, *A duquesa feia*, *A torre do amor* e *Esse duque é meu*. Formada em Harvard, dá cursos sobre Shakespeare na Fordham University, em Nova York, é mãe de dois filhos e, numa ironia particularmente deliciosa, é casada com um legítimo cavalheiro italiano.

CONNIE BROCKWAY é autora de diversos livros da lista de mais vendidos do *The New York Times* e do *USA Today*. Foi indicada oito vezes ao prestigioso prêmio RITA, e venceu duas. Atualmente mora em Minnesota com o marido e com seus dois cachorros mimados.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

